

Rádio Caiçara FM 88.3 – a emissora da Praia do Sono em Paraty/RJ¹

Tayná Sotto Mayor de Sousa Pádua²
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Sandra Sueli Garcia de Sousa³
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho procura realizar um histórico-descritivo da Rádio Caiçara FM 88.3, uma rádio livre localizada na Praia do Sono em Paraty, Rio de Janeiro. O intuito é analisar a influência da rádio na vida dos moradores do vilarejo e apontar seus usos e benefícios para a comunidade. Aborda-se ainda o vínculo social entre o rádio e seus ouvintes, como estes assimilam o processo comunicacional e as motivações que despertam a identificação com uma emissora ou programa de rádio. Utilizamos os autores MACHADO, MAGRI E MASAGÃO (1985), SANTORO (1981) e SOUSA (1997) para falar da prática das rádios livres e comunitárias; SALOMÃO (2003) para explicar a relação entre rádio e vínculo social e a técnica de observação participante e entrevistas em profundidade para entender o funcionamento da Rádio Caiçara FM 88.3.

Palavras-chave

Rádio Livre; Rádio Caiçara; Vínculo social.

A Rádio Caiçara FM está inserida em uma comunidade tradicional de cultura caiçara, localizada na Praia do Sono em Paraty, Rio de Janeiro. O radialista e proprietário é o nativo Zaqueu da Conceição, 50 anos, deficiente visual, que desde a infância tinha o sonho de instalar uma rádio comunitária no vilarejo onde nasceu.

A praia destaca-se por pertencer a Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, a APA de Cairuçu, que engloba núcleos de ocupação de comunidades tradicionais. Estima-se a população da Vila Caiçara em 350 habitantes e 60 famílias, sendo apenas 17 delas tradicionais. Isso devido à abertura da BR 101, que ocasionou em especulação imobiliária na região. Em suma, os residentes do local ocupam-se da pesca artesanal e do turismo, que permanece em expansão.

O acesso a Praia do Sono é feito por mar ou por uma caminhada moderada em uma trilha de aproximadamente 40 minutos, a partir da Vila do Oratório. Os moradores da Praia do Sono enfrentam a

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã - O direito à comunicação na luta por uma cidadania ativa, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, Minas Gerais, de 25 a 27 de outubro de 2017.

² Jornalista, graduada pela UFRRJ. O Trabalho de Conclusão de Curso foi a monografia Rádio Caiçara FM 88.3: um estudo de caso sobre a Rádio da Praia do Sono, Paraty/RJ. Email: tayna_padua@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora Adjunta da UFRRJ. Orientadora do trabalho. Email: sandragarc@gmail.com

precariedade na saúde pública, educação e infraestrutura. Não há um posto de saúde e a única escola existente só atende até o ensino fundamental. Além disso, não existe sistema de captação de água ou tratamento de esgoto; a energia elétrica chegou ao vilarejo apenas em 2009, pelo Programa Luz Para Todos do Governo Federal.

Este artigo parte da monografia intitulada “Rádio Caiçara FM 88.3: um estudo de caso sobre a Rádio da Praia do Sono, Paraty/RJ”, defendida em Março de 2017. A escolha da emissora como objeto de estudo deu-se devido à importância que ela exerce na Praia do Sono, localidade distante do centro de Paraty e onde o rádio é o veículo mais acessível e eficaz para realizar a comunicação.

Dessa forma, pretende-se analisar o valor que uma rádio livre de caráter comunitário pode ter no dia-a-dia de uma comunidade rural marginalizada; a maneira como ela pode influenciar e modificar o meio em que está situada. Luiz Beltrão (1980) define como comunidade rural marginalizada:

Habitantes de áreas isoladas (carentes de energia elétrica, vias de transporte eficientes e meios de comunicação industrializados), sub-informados, desassistidos ou precariamente contatados pelas Instituições propulsoras da evolução social e, em consequência, alheios a meta de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país. (BELTRÃO, 1980, *apud* CORNIANI, 2005, p. 04).

Antes de adentrarmos nos pormenores da Rádio Caiçara, é necessário estabelecer diferenças nas nomenclaturas das emissoras.

Breve panorama das rádios livres, piratas, comunitárias e clandestinas

Os estudos de comunicação sobre as rádios livres e comunitárias buscam observar a importância que os veículos de comunicação podem exercer em núcleos de comunidades, bairros, entre outros. Analisando questões como a construção da cidadania, responsabilidade social e inventividade dos meios alternativos. Com isso, nota-se que muitas experiências, no que diz respeito a rádios não autorizadas pelo governo, são legitimadas pela população que é beneficiada por elas.

A radiodifusão livre não é um fenômeno novo, porém muitos se equivocam em sua nomeação. As rádios livres, rádios piratas, rádios clandestinas e rádios comunitárias são designações que representam, cada uma a seu modo, uma forma de comunicação não-oficial.

Historicamente, as emissoras livres surgem na Europa na década de 1960 e no Brasil, em maior número, na década de 1980. Rádios livres são emissoras que operam sem a concessão do Estado, promovendo uma afronta ao monopólio estatal sobre as ondas eletromagnéticas e a soberania das rádios comerciais. Essa forma de fazer rádio vai em direção a uma democracia concreta, abre as portas da comunicação para a livre expressão de grupos minoritários, associações de bairros, sindicatos e outros núcleos, pois:

São passíveis de serem articuladas por todo e qualquer grupo que se sinta marginalizado do processo de comunicação via *mass-media*, que se sinta no direito de exprimir-se democraticamente pelas antenas, seja em defesa de sua própria personalidade (enquanto

grupo culturalmente reprimido) ou integrado num movimento social qualquer (SANTORO, 1981, p. 99).

Quanto à modalidade chamada rádio pirata, esta tem origem na Inglaterra no fim dos anos de 1950 (SOUSA, 1997) e eram rádios não autorizadas que funcionavam dentro de embarcações ancoradas perto da costa de países como Inglaterra, Holanda, Suécia e Dinamarca. Eram financiadas por empresas multinacionais que desejavam difundir sua publicidade para conquistar o mercado europeu e burlar a tutela do Estado. As piratas ganharam esse título porque além da busca por lucrar através da radiodifusão, mantinham o costume de erguer uma bandeira negra nos barcos, de onde emitiam uma alusão aos corsários.

As rádios clandestinas são também ilegais e surgem com o objetivo de questionar o governo vigente, numa busca por transformação na área político-econômica e social. São vinculadas a grupos políticos organizados como foi o caso da Rádio Rebelde, nascida nas guerrilhas cubanas durante a guerra civil. Idealizada por Ernesto “Che” Guevara, a Rebelde começou suas transmissões em fevereiro de 1958 em *Sierra Maestra*, como um instrumento de combate.

A Rádio Rebelde desempenhou um papel importante na luta revolucionária porque foi uma fonte de informação alternativa às rádios oficiais do governo ditador do General Fulgêncio Batista, que em 1952 deu o golpe militar. Sendo assim, foi o principal meio de comunicação entre o quartel-general e as frentes guerrilheiras, como alega o ex-presidente de Cuba, Fidel Castro:

A Rádio Rebelde foi para nós um meio de divulgação massiva. Ela nos permitiu comunicar com o povo e se tornou uma estação de grande audiência. (...) Mas a Rádio Rebelde não era apenas um meio de informação, muito útil nesse sentido. Ela era também um meio de comunicação entre nós próprios. Foi através dela que nós nos mantivemos em contato com todas as frentes e espaços ocupados. Foi, portanto, um meio de comunicação muito útil também no plano militar e isso teve uma importância decisiva durante a guerra. (CASTRO, 1973 *apud* MACHADO, MAGRI e MASAGÃO, 1986, p. 98).

Por fim, e não menos importante, as rádios comunitárias tem seu trabalho essencialmente local, como emissoras de bairros que contam com a participação ativa de membros da comunidade. Sua programação é direcionada para o público de determinada região e isso ocasiona uma proximidade entre a rádio e os ouvintes, uma identificação e apropriação do veículo pela população.

Em geral essas rádios realizam um trabalho social e educativo de levar informação, cultura e estimular a construção da cidadania em sua audiência. Esse tipo de comunicação preza pelo desenvolvimento social, participação popular, e tem compromisso em erigir uma sociedade mais justa, como discorre o radialista cubano José Ignacio L. Vigil (2004):

Quando uma emissora promove a participação dos cidadãos e defende seus interesses; quando responde aos gostos da maioria e faz de boa vontade a sua primeira resposta; quando informa com verdade; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando em seus programas são debatidas todas as ideias e todas as

opiniões são respeitadas; quando se estimula a diversidade cultural e não a homogeneização mercantil; [...] quando não se tolera nenhuma ditadura imposta pelas gravadoras; quando a palavra de todos voa sem discriminações ou censuras essa é uma rádio comunitária. (VIGIL, 2004, *apud* BAHIA, 2006, p. 03)

A radiodifusão comunitária no Brasil é autorizada pelo governo mediante um processo junto a Coordenação-Geral de Radiodifusão Comunitária, subdivisão da Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

As rádios comunitárias, assim como as rádios livres, não tem fins lucrativos. Por isso, contam apenas com o apoio cultural e contribuições de simpatizantes. Ambas tem baixo alcance, no caso das comunitárias os 25 watts de potência estipulados por lei. O que as diferencia é a legitimidade do ponto de vista legal, visto que as comunitárias possuem outorga para funcionar e as rádios livres permanecem na ilegalidade. Além disso, há o comprometimento que as rádios comunitárias nutrem com uma comunidade, devendo ser geridas por uma associação comunitária, enquanto as rádios livres podem ou não ter esse comprometimento (SOUSA, 1997).

Uma emissora pode ser livre e comunitária ao mesmo tempo. Livre por não estar autorizada para funcionar ou mesmo não querer a autorização. Segundo Peruzzo (2009, p. 04):

A maioria das rádios livres comunitárias esteve ou está em situação de ilegalidade em decorrência da lentidão e/ou distorção no âmbito do governo federal quanto às decisões sobre os processos em andamento solicitando autorização para funcionamento. Não são todas porque também há emissoras desse tipo que não querem ser legalizadas, não desejam se enquadrar em parâmetros legais para não perderem a autonomia e o sentido político que lhe deu origem.

Rádio Caiçara: rádio livre de caráter comunitário

A fim de obter informações acerca da relação entre a Rádio Caiçara e a comunidade da Praia do Sono, foram realizadas entrevistas em profundidade com os moradores da localidade e com o animador da rádio. As visitas de campo, realizadas ao longo dos anos de 2015 e 2016, e a observação participante que Peruzzo (2003, p. 02) define como a “[...] inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”, proporcionaram um contato mais próximo com a realidade da vila caiçara e seu cotidiano, além de ter favorecido a proximidade com os ouvintes.

Durante as quatro idas a Praia do Sono, com estadia em *campings* de nativos e visitas aos quiosques que funcionam ao longo da extensão da areia, não houve dificuldades para descobrir a Rádio Caiçara. Ela está sintonizada nos bares e nas casas dos moradores e assim se deu o primeiro contato com a emissora. Foram realizadas entrevistas com oito moradores do vilarejo, entre eles o radialista Zaqueu da Conceição, e dois ex-moradores. Cada visita à praia teve duração média de uma semana, onde foi possível não somente entrevistar os habitantes, mas também observar a rotina da comunidade.

A Caiçara começou a ir ao ar em maio de 2011 e desde então realiza um trabalho que tem o intuito de melhorar a qualidade de vida dos moradores da vila. A rádio não possui autorização para funcionar, porém, opera durante 18 horas diárias, com programação variada e contínua, das 6h às 00h, de segunda a segunda. Além de prestação de serviços de utilidade pública, ela tem também a tarefa de entreter e informar os caiçaras e turistas. A programação é pensada para o público da Praia do Sono e dessa forma, utiliza-se de uma linguagem simples e visa difundir a cultura, a tradição local e as informações de interesse da comunidade.

A comunidade é formada basicamente pelos caiçaras. Os caiçaras da região são produto da mistura entre índios e portugueses, que no século XVI passaram a colonizar as terras no Brasil. De acordo com o historiador Diuner Mello (2015), os índios possuíam sua cultura da terra e os brancos trouxeram a cultura europeia, resultando nos caiçaras, que possuem profundo conhecimento da natureza e vivem em harmonia com ela.

O lugar

O acesso à Praia do Sono é feito através de uma trilha de 40 km, aproximadamente 40 minutos dentro da Mata Atlântica ou pelo mar, por meio de pequenas embarcações. A entrada da trilha fica na Vila do Oratório em Laranjeiras, a 30 minutos do centro de Paraty. A trilha é bem acidentada e se torna muito escorregadia em dias de chuva, o que impossibilita a caminhada, principalmente para os muitos idosos que residem na praia. Para realizar a travessia com as pequenas lanchas, é preciso esperar por uma Kombi que conduz até o píer, pois este se encontra no interior de um luxuoso condomínio privado.

A Praia do Sono é uma bela localidade com amendoeiras por toda sua extensão, descoberta há muito tempo pelos viajantes e, após a chegada da BR-101, vê o turismo aumentado na localidade. Os quintais dos moradores se tornaram *campings* para receber os visitantes, foram abertos muitos quiosques na areia da praia e em feriados e finais de semana é possível ver as crianças vendendo bolos e salgados na orla, para garantir uma renda extra para suas famílias.

A pesca artesanal deixou de ser o principal sustento para a comunidade. Agora durante o verão os moradores da Praia do Sono conseguem lucrar com a visita de turistas. Na alta temporada, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, a praia recebe um grande fluxo de visitantes, o que é preocupante devido ao impacto ambiental e cultural que isso acarreta. O crescimento desordenado do turismo na região leva à superlotação de *campings* e muitas vezes falta água para abastecer a comunidade.

Os caiçaras enfrentam a precariedade na saúde pública, educação e infraestrutura. A coleta de lixo é realizada por um barco disponibilizado pela prefeitura, que recolhe os sacos de lixo de uma a duas vezes na semana. Os moradores precisam organizar-se para em um dia determinado transportar todo o lixo para a área da praia, para que o barco possa levá-lo até a Vila do Oratório de Laranjeiras, onde o caminhão da coleta de lixo consegue fazer a retirada. É preciso levar os detritos em uma pequena lancha até o barco maior que irá transportar o lixo, pois este não pode aproximar-se muito da areia.

Em relação à saúde, o atendimento é feito durante a visita de um médico que acontece a cada 15 dias. Em casos de doenças ou acidentes, os moradores precisam prontamente se dirigir para a Santa Casa de Paraty.

A Escola Municipal Martim de Sá, única escola existente na vila, só atende até o ensino fundamental, o que faz com que muitos alunos precisem ir para as escolas localizadas no centro da cidade para poder concluir os estudos, ocasionando, por consequência, a evasão escolar. Além disso, não existe sistema de captação de água ou tratamento de esgoto, exceto pelo módulo de saneamento ecológico, sistema de fossas que impede a contaminação do solo, implementado na escola em 2015⁴.

A energia elétrica chegou ao vilarejo apenas em 2009, o que possivelmente ocasionou o crescimento do turismo na praia. O sinal das redes de telefonia não são operacionais na localidade, é difícil conseguir um ponto onde haja sinal no celular, o mesmo problema ocorre com a internet.

Além de toda a dificuldade advinda do isolamento e da ausência da atuação das autoridades, os caiçaras enfrentam também as limitações impostas pelos órgãos ambientais, que após definirem a região como uma Unidade de Conservação (UC) instituíram muitas restrições ao modo de viver do caiçara. Como uma unidade de preservação permanente, nada pode ser alterado na área, o que inibe atividades do saber fazer caiçara, como por exemplo, a construção artesanal da canoa de voga, que é escavada em um só tronco de árvore. Hoje os órgãos ambientais não permitem que seja derrubada uma árvore para fazer uma canoa e com isso a tradição vai se perdendo.

A emissora

A Rádio Caiçara constitui-se a partir do sonho de um nativo da Praia do Sono: Zaqueu da Conceição, de 50 anos⁵. Ele perdeu a visão ainda na adolescência devido a uma catarata. O rádio de pilha era um meio de informação e entretenimento que já se fazia presente na comunidade caiçara. As características como a oralidade, o baixo custo e a possibilidade de ser ouvido em qualquer lugar fizeram do rádio o elo comunicativo com o mundo fora do vilarejo.

Zaqueu conta que sempre se interessou por rádio, ouvia muitos programas e participou de um curso de locução, mas acabou aprendendo na prática. Dedicou-se também à eletrônica. O caiçara aprendeu sozinho a consertar aparelhos eletrônicos e sempre foi solicitado quando algum aparelho necessitava de reparos ou instalação na comunidade, mas seu real objetivo era ter uma rádio comunitária.

O meu sonho da rádio é de muito tempo, aí sabe o que eu fazia? Eu antigamente tinha tape, gravador de fita cassete. Aí eu instalava microfone nele e fazia rádio, gravava as músicas, gravava as vinhetas, as entrevistas com as pessoas. A gente fazia rádio assim né,

⁴ Dados disponíveis no site do Fórum das Comunidades Tradicionais, endereço: <http://www.preservareresistir.org/single-post/2015/06/29/Observat%C3%B3rio-OTSS-inaugura-seu-esp%C3%A7o-e-m%C3%B3dulo-de-Saneamento-Ecol%C3%B3gico-na-praia-do-Sono>. Acesso em dezembro de 2016.

⁵ Nas próximas páginas, as informações são de Zaqueu da Conceição em entrevistas cedidas em duas ocasiões: 17 de setembro de 2015 e em 10 de janeiro de 2016.

gravando. Até aí não tinha transmissor, não tinha nada, a gente fazia pela fita. Era só pra treinar (CONCEIÇÃO, 2016).

Em 19 de maio de 2011 Zaqueu conseguiu fazer de seu sonho uma realidade concreta e sozinho colocou no ar a Rádio Caiçara. Ele se envaidece ao dizer que fez sua primeira transmissão conectando um fone e um celular a um antigo transmissor com uma pequena antena soldada. Porém, essa experiência não foi o suficiente para satisfazê-lo. Após algum tempo, conseguiu juntar dinheiro e adquirir um transmissor, que não era tão potente e começou a apresentar problemas com pouco tempo de uso.

Logo no início, a comunidade se entusiasmou com a novidade, mas como o próprio Zaqueu diz “eles não acreditavam que o negócio daria tão certo”. Após o transmissor se tornar inutilizável, a comunidade realizou um bingo para arrecadar dinheiro para a compra de um novo transmissor. Esse novo aparelho foi útil por um tempo e a rádio passou a funcionar diariamente e atrair olhares. Os visitantes da Praia do Sono ouviam a rádio nos quiosques ou sintonizavam em seus celulares e assim a Rádio Caiçara passou a ficar conhecida também pelos turistas.

A rádio foi instalada em um pequeno quarto na casa onde Zaqueu vive com a família. Ele é o único radialista. A agilidade com que consegue manusear os equipamentos, selecionar os CDs, trocar de *pendrive* no som, impressiona. Ele diz que recebe ajuda dos sobrinhos quando deseja fazer *download* na internet de alguma música para seu acervo, porém 99% do trabalho são feitos por ele.

A rádio entrou na rotina dos caiçaras, que criaram o hábito de ouvi-la todos os dias pela manhã. Os moradores do Sono afirmam que tudo que ocorre na localidade passa pelo radialista, que é o primeiro a ser informado para que possa repassar as mensagens na rádio.

Programação

A programação da Rádio Caiçara tem início às 6h da manhã, horário em que a comunidade está despertando e se estende até às 00hs, com muita música e avisos para os moradores. A programação busca atender a todos os gostos, porque a praia tem muitos visitantes, mas Zaqueu se nega a tocar músicas que considere ruins ou sem conteúdo e reserva um lugar especial para música popular brasileira, com muito Belchior, Djavan e Chico Buarque.

O sertanejo raiz é o que abre a programação na “Manhã Sertaneja”, de 6h às 8h são selecionadas músicas que falam sobre o cultivo da roça, viola e vida caiçara. Das 8h às 14h desenrola-se a programação gospel, que toca muitos hinos de igreja evangélica para os moradores da localidade, que são em maioria pertencentes às igrejas evangélicas. Das 14h às 00h, existe uma *playlist* variada, com MPB e também música internacional. O fim de tarde conta com as “Melhores Românticas da Noite”. Aos domingos, há um programa com músicas do Roberto Carlos chamado “Saudades da Jovem Guarda”.

A rádio embala o dia dos moradores com um vasto repertório musical, uma vinheta diz “de segunda à segunda na Caiçara FM é só música”. Além disso, os anúncios publicitários dos quiosques da

localidade, a previsão do tempo, algumas notícias sobre esporte e serviços de utilidade pública estão sempre presentes na rotina da rádio.

Zaqueu cria um anúncio para cada estabelecimento que funciona com regularidade na praia, porque muitos abrem apenas durante a alta temporada, nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e durante feriados. Com criatividade ele destaca os pontos fortes da cozinha dos quiosques espalhados na beira da praia. Zaqueu considera os donos dos barzinhos seus incentivadores, pois divulgam seu trabalho, porém não recebe apoio financeiro dos estabelecimentos, apenas cortesias.

Os informes tem importância significativa na rádio, que é a encarregada de colocar todos a par das notícias. São veiculados avisos referentes a tudo que seja de interesse da comunidade. Notícias sobre a vinda do médico, coleta de lixo, alta temporada e chegada dos visitantes, reunião da associação de moradores, culto, eventos e acontecimentos na comunidade.

A galera gostou quando viu que eu estava fazendo rádio. Aí já comecei a receber as primeiras ligações de Paraty pra cá pra fazer informação de algumas coisas, negócio de aula, essas coisas assim. Professora liga, quando não é professora ela manda alguém ligar, pede pra me avisar que não vem. E também quando é coleta de lixo, o pessoal que recolhe aí liga pra mim. Aí quando tem audiência ou alguma coisa, o pessoal da delegacia já liga pra cá. Alguém quando precisa ser chamado. Eu tenho contato com tudo: delegacia, defesa civil (CONCEIÇÃO, 2016).

Nos dias em que o barco do lixo irá fazer a coleta, os moradores são lembrados de conduzir o lixo para a praia. Os sacos são empilhados na areia e um barqueiro é o responsável por recolher. Em dias de atendimento médico, a rádio informa aos moradores a hora em que o médico chegará e o momento certo para dirigir-se ao local onde é feita a consulta, para evitar que os moradores de idades mais avançadas esperem por muito tempo para serem atendidos.

As pessoas mais velhas, que vão querer passar pelo médico, se não tivesse a rádio eles teriam que fazer o que? O médico ia chegar 8hs. 7h30m, 7h eles já tavam lá, porque não sabiam o horário que ia chegar. E aqui não. Eu aviso: Na hora que o médico chegar eu aviso vocês. E eles ficam em casa. Aí quando falta uns 10 minutos ou na hora que o médico chega eu aviso: Olha, o médico tá chegando. Então quer dizer, eles podem ir pra lá na hora certa, não precisa ninguém ficar esperando (CONCEIÇÃO, 2016).

Outros serviços bem comuns na rádio são os informes de achados e perdidos. As coisas encontradas na praia geralmente levadas para a rádio, onde o dono é convidado a ir retirar.

Tudo passa por aqui, eu acho legal porque a galera daqui encontra documento, com dinheiro, com tudo e traz aqui na rádio. Eu devolvo tudo direitinho pra a galera, a galera sai feliz daqui, então pra mim já é uma maravilha, ver que o nosso veículo de comunicação funciona (CONCEIÇÃO, 2016).

Zaqueu (2015) conta que determinada vez, o cano que traz a água da cachoeira para as torneiras dos moradores se danificou e ele transmitiu a notícia aos moradores, que se uniram em um mutirão. Cada um trouxe o que tinha em sua casa e o problema que deixaria a comunidade sem água por dias, foi resolvido em menos de uma hora.

Outra situação que ilustra a relevância da rádio é relatada por Maria Neuza dos Santos (2015), a dona Tica de 65 anos, proprietária de um camping no Sono. Foi o caso de uma mãe que estava há dias sem falar com o filho e buscava seu paradeiro. O rapaz ficou acampado 10 dias no *camping* de dona Tica e havia passado para outro camping para ficar junto com os amigos. A mãe do rapaz entrou em contato com o radialista que fez a divulgação e prontamente obteve resposta.

Uns tempos desse teve um cara que ficou uns 15 dias aqui e depois saiu pra outro camping. Aí nós estávamos ouvindo a rádio e a mãe do rapaz ligando. “Meu filho está 15 dias sem me dar notícias”. Aí a gente já de pressa: é o rapaz que estava aqui! Aí a gente sabia em qual camping ele estava e mandou avisar lá. Ele já estava com o telefone, já tinha escutado. Se fosse antes não era possível alguém saber (SANTOS, 2015)

A rádio tornou-se um meio de comunicação muito útil e eficaz para a comunidade, visto que os outros veículos de comunicação são falhos na praia. Seu Beraldo de Araújo de 73 anos descreve como as informações eram passadas na comunidade antes da rádio ir ao ar:

Antes da rádio nós não sabia nada. Porque se alguém não avisasse pra nós, eu que moro lá em cima... Eu não sei de nada que tá acontecendo aqui embaixo na praia. Tinha que avisar pro fulano pra ir lá avisar o fulano que mora lá. Mas depois que a rádio chegou, não. Chegou a rádio aí todo mundo fica bem informado. A gente fica com o radinho ligado, escuta: O médico tá pra chegar. Tá chegando ou já vai embora. Ele explica o negócio da água, porque às vezes não tem água na casa do fulano ou na casa do ciclano. Ele avisa muita coisa (ARAÚJO, 2016)

O então presidente da associação de moradores e liderança do Fórum das Comunidades Tradicionais Angra-Paraty-Ubatuba, Jadson dos Santos, de 33 anos, explica que a rádio é o principal veículo de comunicação na praia e que beneficia muito a comunidade. Segundo ele “é um exemplo a ser seguido por outras comunidades”.

A gente faz parte de um movimento social e sabe como é difícil a comunicação. A gente precisa ligar pra gente de Angra, Ubatuba, Ponta Negra, Trindade. Naquele momento em que vai acontecer uma ação de despejo, manifestação, fazer um protesto. É muito difícil a gente fazer isso em cima da hora né, e a rádio facilita. A gente liga de Paraty, ele vai anunciar (JADSON SANTOS, 2016).

De acordo com Mozahir Salomão (2003), o que prende o ouvinte a uma emissora, num primeiro momento, é a identificação com a linguagem do veículo e a sua forma de abordagem das coisas do mundo. Quando é despertado no receptor o sentimento de reconhecimento e pertencimento ao processo comunicativo, e adesão em relação ao que foi proposto pelo emissor, o receptor, de certa maneira, apropria-se do veículo de comunicação. A afinidade com processos comunicativos, a busca por integrar-se ao mundo e estabelecer conexões, produz grupos que são denominados por Salomão (2003) como “comunidades de ouvintes”. Essas comunidades se formam a partir das preferências estéticas dos receptores.

No entendimento do autor, a relação que existe entre os ouvintes fiéis de uma emissora ou programa de rádio é ocasionada pela proximidade que o veículo consegue manter com a audiência. O uso de uma fala acessível e coloquial, e a construção de um discurso que é endereçado ao ouvinte.

Essa é a relação de proximidade construída entre Zaqueu e a comunidade da Praia do Sono. Trata-se de uma ligação que extrapola qualquer distância que possa haver entre as duas pontas, uma vez que a Rádio Caiçara dá a liga necessária para que os moradores e o apresentador se relacionem bem de perto.

Participação Popular

Apesar das facilidades para o acesso da comunidade na Rádio Caiçara, os moradores permanecem distantes do planejamento e da produção da emissora. A participação dos caiçaras na emissora se dá através de pedidos e oferecimentos de músicas, entrevistas ao vivo, envio de recados locais e pessoais, promoções, como sorteios de camisas da rádio e por vezes sugestões de pautas.

Zaqueu queixa-se do distanciamento dos moradores da produção da Rádio Caiçara e declara que seu desejo é ter membros da comunidade participando ativamente, realizando programas e experimentações radiofônicas. O radialista alega fazer convites frequentes aos caiçaras para produzir um programa ou aprender a fazer uma locução, porém não vê muito interesse, principalmente por parte dos mais jovens, que dizem não entender sobre o funcionamento e os mecanismos utilizados na emissora.

As meninas do Rio que trouxeram a mesa de som pra mim, elas falaram pra mim: Não, mas você tem que trazer as crianças pra trabalhar (...). Eu disse assim: Se dependesse de mim eles estavam tudo enfurnado aí. (...) Em muitos lugares por aí eu duvido que não tinha três, quatro pessoas aí fazendo programação. As meninas fazendo programa pra se dedicar né. Aqui não, aqui já é diferente, sou só eu sozinho e ninguém quer fazer nada (CONCEIÇÃO, 2016).

Já foram ao ar alguns programas realizados com os sobrinhos de Zaqueu, intitulados “brincando de rádio”, onde a ideia central era permitir que as crianças se divertissem em um programa infantil com músicas e brincadeiras. Mas essa experimentação não foi adiante porque após algumas edições as crianças não compareceram mais.

Outro problema exposto por Zaqueu é a falta de empenho da Associação de Moradores em participar da construção do dia a dia na rádio. Zaqueu diz que não há cumplicidade por parte da associação, porque apesar de suas solicitações, ninguém demonstra interesse em realizar um programa na rádio ou estar presente com constância e tudo isso dificulta a parceria.

O Ponto de Cultura da Praia do Sono, local de fomento de cultura tradicional e digital, implementado em 2009 pela Associação de Moradores e as ONG's Verde Cidadania e Raízes e Frutos, promoveu em 2015 uma oficina de rádio para as crianças da comunidade, em parceria com o Projeto Vice Verso da Universidade Federal do Espírito Santo. No espaço foram ministrados os três módulos do minicurso “Escola no Ar: capacitação em rádio educativa com focos em língua portuguesa e literatura”. O objetivo foi auxiliar as crianças a desenvolverem produtos como vinhetas e spots radiofônicos para serem veiculados na Rádio Caiçara. Apesar da resistência e timidez dos jovens foi possível produzir algum material, que foi ao ar durante o aniversário de 4 anos da rádio.

Essa experiência ainda não teve continuação na praia e o radialista Zaqueu questiona-se sobre o futuro da emissora. Para Zaqueu os visitantes conseguem ver mais potencial na rádio do que os próprios

moradores, pois são os visitantes que estão constantemente em busca de Zaqueu para conhecer a rádio e suas instalações, realizam entrevistas com o radialista e expressam a admiração pelo trabalho comunitário ali realizado.

De qualquer maneira, ressalte-se que o serviço prestado pela Rádio Caiçara tem caráter comunitário, é eficiente e tem regularidade, atendendo as demandas da comunidade onde atua. É uma emissora que foi adotada como meio de comunicação oficial do lugar e, fica claro, que a comunidade quer participar em um nível de ouvinte tradicional (aquele que ouve a programação, pede músicas, manda recados, etc).

Considerações

Como foi possível observar, a Rádio Caiçara está inserida em uma comunidade tradicional, que ocupa a região há pelo menos 400 anos. A comunidade é marcada por características como senso de coletividade, forte oralidade e identidade cultural, particularidades fortalecidas pela rádio que tem um caiçara, deficiente visual, como animador e proprietário.

Em seus cinco anos de atuação no local, a emissora realiza um trabalho voltado para o social e privilegia a prestação de serviços. O radialista, Zaqueu da Conceição, conhece profundamente a comunidade e sabe de suas necessidades. Sendo assim, a rádio faz informes de assuntos relevantes para o dia a dia da comunidade, divulga os quiosques dos pequenos comerciantes e entretêm os moradores.

Os informes do cotidiano da comunidade são peculiaridades para quem visita a praia. É possível ouvir anúncios quando o material de construção de um morador chega em uma pequena lancha na praia ou quando algum residente precisa falar com outro e o recado é dado no ar. Esses avisos facilitam a comunicação entre os habitantes da praia e com a comunidade do Sono como um todo.

Foram identificados elementos em comum na fala dos moradores sobre a prestação de serviços da Rádio Caiçara. A rádio busca simplificar a rotina dos caiçaras, atuando como o centro por onde passam todos os acontecimentos. A disseminação das notícias auxilia no desenvolvimento do sentimento de cidadania, pois agora os moradores não se sentem mais deixados à própria sorte. Apesar das autoridades permanecerem ausentes no que diz respeito a Praia do Sono, a comunidade fica sintonizada com a emissora e dessa forma é mais fácil a mobilização social. Os moradores da comunidade tem o costume de realizar mutirões para construção de casas ou para resolver problemas em comum, além dos bingos e arrecadações beneficentes que promovem. Com o auxílio de Zaqueu, essas ações se desenrolam com mais rapidez e eficiência.

A relação da comunidade do Sono com a rádio é bem próxima, o que pôde ser identificado através das entrevistas com moradores e com o radialista. Os caiçaras relataram as melhorias na comunicação, que antes era feita boca a boca e a maior integração da comunidade. Os moradores com residência mais distante da areia da praia queixavam-se pela necessidade de sair de suas casas e ir até a orla para saber o

que estava acontecendo na localidade ou pela inevitabilidade de que outro morador tivesse que ir avisá-los. Com as atividades na emissora isso se tornou dispensável.

Os caixas da Praia do Sono se reconhecem na emissora que não tem fins lucrativos e tem seu foco totalmente direcionado a eles. O nome “Rádio Caiçara” já é bastante significativo. A rádio valoriza a identidade cultural do vilarejo, seus conhecimentos, crenças e saberes populares. Isso pode ser notado na programação que privilegia músicas antigas, regionais, evangélicas e que relacionam-se com a cultura do local.

A programação gospel, que se estende das 8h às 14h é muito elogiada pelos nativos, em sua maioria de religião protestante. Os contos e causos trazidos por Zaqueu também agradam os ouvintes, que relembram histórias do passado e antigos moradores da comunidade. Esses elementos repletos de significados da cultura local trazidos para a rádio ajudam a constituir os sentimentos de reconhecimento e pertencimento nos ouvintes.

Foi possível constatar que a rádio é o meio de comunicação mais abrangente na Praia do Sono, por ser acessível e de qualidade, cumprindo com o papel proposto como rádio de caráter comunitário, que dissemina informações e mobiliza os moradores em prol do bem comum. As entrevistas realizadas na localidade foram essenciais para verificar o sentimento de reconhecimento que a emissora desperta nos moradores, que a veem como a “voz da comunidade”. O trabalho realizado pela rádio proporcionou transformações no que tange não apenas a comunicação, mas o sentimento de ser caixara, povo tradicional e cidadão.

Referências

ARAÚJO, Beraldo de. Entrevista cedida em 10 de fevereiro de 2016.

BAHIA, Lilian Mourão. **Panorama atual das rádios comunitárias no Brasil**. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Brasília, DF, 2006.

CONCEIÇÃO, Zaqueu. Entrevista cedida a este trabalho em 17 de setembro de 2015 e em 10 de janeiro de 2016.

CORNIANI, Fábio. **Afinal o que é Folkcomunicação**. Encipecom, Umesp, São Bernardo do Campo, SP, 2005.

MACHADO, Arlindo, MAGRI, Caio, & MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres: A reforma agrária no ar**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

MELLO, Diuner. Historiador de Paraty. Entrevista cedida à autora em 17 de setembro de 2015.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos**. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Belo Horizonte, MG, 2006.

_____. **Rádios Livres e Comunitárias, Legislação e Educomunicação**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información Y Comunicación (Eptic). Vol. XI, no. 03, sept-dic., 2009. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/98/70>. Acesso em 07 de outubro de 2017.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo Radiofônico e Vinculação Social**. São Paulo, Annablume, 2003.

SANTORO, Luiz Fernando. **Rádios Livres: O uso popular da tecnologia**. Revista Comunicação e Sociedade. Ano III. Número 6. São Bernardo do Campo: Cortez Editora, setembro de 1981.

SANTOS, Maria Neuza dos. Entrevista cedida em 16 de fevereiro de 2016.

SANTOS, Jadson. Entrevista cedida em 12 de janeiro de 2016.

SOUSA, Sandra Sueli Garcia de. **Rádios Ilegais: da legitimidade à democratização das práticas**. Dissertação de mestrado, Umesp, 1997.

Meios Eletrônicos

ATRATIVOS, Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/cairucu/visitacao/atrativos-naturais.html>. Acesso em setembro de 2016.

CURSO DE EXTENSÃO ESCOLA NO AR NA PRAIA DO SONO, Disponível em: <http://programaviceverso.blogspot.com.br/2015/06/curso-de-extensao-escola-no-ar-na-praia.html>. Acesso em janeiro de 2017.

DECRETO, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em outubro de 2016.

DJ DE ALMA CAIÇARA. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,dj-de-alma-caicara-imp-,981075>. Acesso em julho de 2016.

DJ ZAQUEU, Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/dj-zaqueu>. Acesso em dezembro de 2016.

SALA DE NOTÍCIAS, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mbp_BdogY9k. Acesso em janeiro de 2017.